

**ENSINO BÁSICO
ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA DOCENTE**

José Olivenor Souza Chaves¹
Maria Inês Sucupira Stamatto²

E a gente fica sereno
Desconhecendo o destino
E com um sorriso besta
De quem sabe onde chegar
[...]
A gente vai se assustar
Mas faz de conta que sabe
Que tem um canto na estrada
Chamado estaca zero
Onde a gente pode dizer
O rumo que quer tomar
(Ednardo)

Resumo

Neste breve artigo, temos por objetivo propor algumas reflexões acerca da prática docente na educação básica no Brasil, a partir da década 1990 do século XX. Para isto, em primeiro lugar, e de maneira especial, chamamos atenção para a importância que a pesquisa tem dentro do processo de ensino-aprendizagem. No curso desse mesmo processo, pretendemos estabelecer a compreensão da prática docente como sendo um importante instrumento para a formação e atuação qualificada do professor, especialmente quando esta tem por princípio a busca do ser humano dentro, e a partir, do processo de humanização da sociedade. De maneira mais propositiva, procuramos, na parte final do texto, constituir alguns níveis de compreensão acerca da pesquisa na educação básica, tomando como referência a relação entre o ensino de História e a história local, eixo, significativo, para pensarmos temáticas e possibilidades de abordagem teórico-metodológicas no fluxo ensino e pesquisa.

Palavras-Chave: Prática docente; ensino; pesquisa; humanização.

ENSEÑANZA ELEMENTAL: ENTRE LA TEORÍA Y LA PRÁCTICA DOCENTES

Resumen

En este corto artículo, tenemos como reto proponer algunas reflexiones acerca de la práctica docente en la educación elemental en Brasil, a partir de los años de 1990 del siglo XX. En esta investigación, en primer lugar, y de manera especial, llamamos la atención para la importancia que esta investigación tiene dentro del proceso de enseñanza y aprendizaje. En el transcurrir de ese mismo proceso, pretendemos establecer la comprensión de la práctica docente como un importante instrumento para la formación y actuación del profesor, especialmente cuando esta tiene por principio la búsqueda del ser humano dentro, y a partir,

¹ Professor da Universidade Estadual do Ceará - UECE, *campus* da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM, na cidade de Limoeiro do Norte-CE, atuando no curso de História e no Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino – MAIE/UECE. Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Bolsista da CAPES.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

del proceso de humanización de la sociedad. De manera más propositiva, procuramos, en la parte final del texto, constituir algunos niveles de comprensión acerca de la investigación en la educación elemental, tomando como referencia la relación entre la enseñanza de Historia y la historia local, eje significativo para pensar temáticas y posibilidades de abordaje teórica y metodológica en el flujo enseñanza y investigación.

Palabras-Clave: Práctica docente; ensino; investigación; humanización.

Desconhecendo o destino, a gente vai se assustar

Um breve relato para iniciarmos nossas reflexões.

Em uma sala de aula de uma Pós-Graduação em Educação, composta por alunos do mestrado e do doutorado, uma das alunas, numa dada oportunidade, descreveu as difíceis condições de trabalho que experimentara depois que obtivera aprovação no concurso da Prefeitura Municipal da cidade em que reside. Segundo a referida aluna/professora, as reais condições na qual se encontrava para desenvolver suas habilidades e competências pedagógicas, oriundas de sua formação acadêmica, a levou a uma profunda decepção, logo convertida em angústia, reverberada, com maior jingo, cada vez que se aproximava à hora de assumir suas funções de professora na escola localizada na periferia da cidade. A angústia tinha origem no sentimento de impossibilidade e até de incapacidade de fazer uso, naquele ambiente de trabalho, naquelas condições sócio-educativas, do conjunto de conhecimentos que houvera aprendido e apreendido no curso de Pedagogia, base teórica de sua formação. O justo relato da colega fora bastante comovedor e, ao mesmo tempo, instigante para pensarmos a prática docente e toda sorte de experiências e dificuldades que esta propõe.

De maneira geral, compreendemos a prática docente como sendo um importante veio de reflexão promotora e mobilizadora do que poderíamos aqui chamar de formação continuada, patrocinada, dessa forma, pelo próprio professor em seu ambiente de trabalho docente, por nós entendido, também, como sendo de pesquisa e estudo. Sendo assim, toda a angústia que invadira, por assim dizer, a estrutura intelectual e emocional da referida professora, em vez de paralisar sua performance criativa, poderia, nela, ter mobilizado e potencializado sua disposição para, partindo daquela que era a sua realidade de trabalho docente, assumir uma postura reflexiva buscando compreender, em primeiro plano, o lugar social daquelas crianças/adolescentes, seres humanos, que lá se apresentavam, muitos deles, a seu modo e dentro das suas condições objetivas e subjetivas, sôfregos por encontrar, em

primeiro plano, naquele espaço que lhes era apresentado como escola, alguém que lhes acenasse à vida com um pouco mais de esperança; alguém que, por outro lado, pudesse lhes apresentar novos conhecimentos que viessem a somar-se aos que, entre brincadeiras e trabalho no seio da família e da comunidade, já haviam conquistado. Enfim, que pudessem fazê-los sentir e pensar o mundo, a vida, para além da realidade que aprenderam a conhecer desde tenra idade. Indagamos se a professora, personagem central de nossas reflexões, tivesse, por assim dizer, encarnado esse alguém, portador dos sentimentos e das disposições acima apresentadas, não teria, ela, vivido uma experiência pedagógica mais rica, constituída no e pelo fluxo de seus saberes acadêmicos e outros tantos que a vida e aquela oportunidade, em especial, lhe daria para gestar, no ventre do vivido, novos fazeres didático-pedagógicos, diferentemente daqueles que são, frequentemente, abortados nos gabinetes de trabalho intelectual de muitos de nós, professores universitários?

Nossa personagem central poderia, ainda, em outro momento, fazer disseminar os conhecimentos gestados na sua própria atividade docente, sistematizando-os dentro dos rigores da escrita acadêmica sem, no entanto, perder de vista os cheiros e gostos que alimentaram a pedagógica experiência na qual professora e alunos, em meio a todas as adversidades, buscaram, a partir do espaço vivido, refletir e problematizar as diversas nuances que consubstanciam o processo educativo.

Enganamos-nos quando pensamos conhecer a realidade em toda a sua malha. Nossos discursos, dotados de referentes teóricos, ainda não conseguem esgarçar, minimamente, a complexidade da malha social, pois os mesmos se acham destituídos da sonoridade que fala aos ouvidos do ser humano. Apenas conseguem, entre nossos próprios pares, dentro do espaço por nós nomeado de academia, reverberar seus repetidos discursos que não passam, na maioria das vezes, de síntese de outros tantos discursos historicamente constituídos e sacralizados. Enganamo-nos, também, quando nos imaginamos detentores de um conhecimento disciplinar, rebuscado de e em teorias, capaz de nos fazer atuar com competência cirúrgica em qualquer realidade em que estejamos exercendo a atividade docente. Mais do que sermos depositários do referido conhecimento, precisamos ter a consciência de que, para colocá-lo em prática, oportuno se faz buscarmos compreender o espaço de nossa atuação, a fim de encontrarmos as maneiras mais apropriadas de fazermos uso dos referentes teóricos que nos servirão de base dentro do processo de ensino-aprendizagem. Quando formação acadêmica e vida cotidiana, em toda a sua complexidade,

não se acham em harmonia, mais difícil se torna ajustarmos nossa prática docente, pois não é somente a teoria que faz saber chegar ao destino que queremos. Do contrário, ficaremos, apenas, “com um sorriso besta de quem sabe onde chegar.”³ Não, não sabemos, a priori, onde iremos chegar; pois é sempre preciso, com nosso próprio calcanhar, palmilharmos o nosso caminho, sinônimo de vivências alimentadas ora pelo doce das experiências bem sucedidas, ora pelo amargo e torpor de outras tantas depositadas na conta das decepções.

Longe dos agradáveis espaços da academia, é claro que “a gente vai se assustar” quando nos depararmos com uma realidade que exigirá de nós não apenas a reprodução de discursos que, não obstante a importância e validade que os mesmos têm, acabamos, muitas vezes, por reduzi-los a simples acolchoados de chavões. A realidade que faz “a gente se assustar” quer de nós, por assim dizer, uma postura crítica, e, ao mesmo tempo, produtora de interpretação e sentidos construídos a partir dela própria. Não nos pede, pois, uma leitura meramente estruturalista da sociedade na qual vivemos, haja vista esse modelo de abordagem desconsiderar, em boa medida, as singularidades, as peculiaridades que se fazem presentes em toda e qualquer estrutura social. É essa realidade de exclusão, em todos os níveis, sobretudo no educacional, que o professor do ensino básico deve eleger como matéria prima de suas reflexões, como objeto de pesquisa e estudo dentro de sua atividade docente.

Esta realidade, por nós jamais imaginada quando nos encontrávamos, tão somente, no patamar das idéias/teorias acadêmicas, nelas e por elas envolvidos, representa, justamente, o “canto da estrada chamado estaca zero, onde a gente pode dizer o rumo que quer tomar”.

A decepção e angústia sentida e vivida pela professora, personagem central desta reflexão, foi motivada pelo fato da mesma ter estado no “canto da estrada chamado estaca zero”, sem, no entanto, saber inferir, dizer o rumo que queria tomar, naquele contexto de sua atividade e vida profissional. Na verdade, o lugar demarcado como “estaca zero” representa a fronteira entre a formação do professor e os apelos que a realidade fará a este. É o ponto de partida para o exercício de uma prática docente que se apresente preta não apenas de conteúdos teóricos, mas, sobretudo, de uma clara visão de ser humano. Quando somos chamados a tomar parte em um processo de ensino-aprendizagem, importante seria se dêssemos à teoria educacional, que nos serve de instrumento, um sentido de humanização⁴ marcado pelo vivo princípio da solidariedade. Dessa maneira, poderemos fazer da educação um sistema de circulação de sentidos e sentimentos voltados para a consciência humana.

³ Estrofe da música “Estaca Zero”, disco **Berro**, do cantor e compositor cearense Ednardo, RCA Victor, 1976.

⁴ Sobre o sentido da humanização na Educação, ver: PIVATTO (2007).

Edgar Morin (2000), ao caracterizar como sendo de agonia planetária o momento histórico em que vivemos, também nos esclarece que a humanidade se acha, por assim dizer, indigente de uma consciência voltada para a ética e para a solidariedade, princípios que fundamentam a própria humanidade. O processo educacional apresenta-se, portanto, amplamente vinculado à idéia mútua de salvaguarda e construção da experiência humana em todas as suas dimensões objetivas e subjetivas. Todas estas questões, que se acham entranhadas uma nas outras, nos fazem inferir o quanto o espaço educacional é dotado de complexidade, não nos sendo possível dissociar, da chamada educação formal, a rede de sentimentos e sensibilidades que se estende por todas as ações humanas.

O lugar demarcado como “estaca zero” também representa a prática docente intimamente vinculada à pesquisa como fonte produtora de novos e fecundos conhecimentos que qualifica a prática e a formação do professor, além de enriquecer os estudos educacionais a partir dos recortes temáticos que o ambiente de trabalho propõe ao olhar problematizador do professor/pesquisador. Neste ambiente de ensino e pesquisa, o professor poderá partir do pressuposto de que, cotidianamente, conviverá com pessoas oriundas das mais diversas realidades sócio-culturais. Assim sendo, o docente terá possibilidade de compreender seus alunos, e a si próprio, como seres humanos em constante processo de transformação, sobretudo no âmbito de suas subjetividades. Por essa razão, é conveniente ao professor desenvolver atividades pedagógicas voltadas para o ensino e a pesquisa que possam sinalizar, sobremaneira, princípios de humanização.

A pesquisa escolar, onde a gente pode dizer o rumo que quer tomar

A educação no Brasil, nesta segunda década do século XXI, ainda apresenta graves problemas de evasão escolar, de baixa aprendizagem, de reprovação, entre outros indicadores. Apesar desta realidade, desde a década de 1990, principalmente, a educação no Brasil vive um processo de amplas mudanças realizadas, sobremaneira, pelos entes governamentais. Não obstante as referidas mudanças ainda estarem em curso, partimos do pressuposto de que, neste cenário, o professor também é convidado a ser um importante protagonista na medida em que lhe seja possível assumir uma postura investigativa em relação à sua prática pedagógica, procurando, ao mesmo tempo, entre seus alunos, mobilizar e potencializar a mesma capacidade.

Sendo a pesquisa um componente indispensável dentro do processo de formação do professor, é razoável pensá-la integrada às outras atividades docentes, de modo a inseri-la como princípio da aprendizagem no contexto do ensino. Para tanto, é necessário que o professor se sinta seguro, fundamentado em uma prática de pesquisa originária de sua formação inicial. No entanto, parece não ser esta a plena realidade entre os professores que atuam na rede de ensino fundamental e médio. O que nos tem sido possível inferir, até o presente momento, diz respeito a uma dolorosa distância entre a prática de pesquisa, vivenciada no período da formação inicial e/ou continuada, e a atual prática docente, destituída de autonomia e, em boa medida, de referentes teóricos que pudessem melhor qualificar a atuação pedagógica do professor e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem.

Diante dos apelos e imperativos do mundo moderno [ou pós-moderno?], representados, sobretudo, pelas novas tecnologias da comunicação que fez, por assim dizer, diminuir as fronteiras planetárias, favorecendo, através da Internet, a interatividade em escala jamais imaginada, o ensino e a aprendizagem tem a oportunidade de libertar-se de toda e qualquer amarra oriundas dos mais tradicionais métodos didático-pedagógicos. Neste novo cenário, esquadrihado pelo avanço tecnológico e científico, o professor, para o bom desenvolvimento de suas funções, necessita potencializar, cada vez mais, seus conhecimentos e competências para melhor assumir as tarefas a que é chamado no ambiente escolar e, de maneira geral, na sociedade e no mundo em que vive e atua. Para que isto aconteça, de maneira mais satisfatória, se faz necessário que o professor eleja a sua própria prática docente como objeto de reflexão, atitude que, em muito, contribuirá com seu contínuo processo de formação.

Sem querermos adentrar na discussão que nos remete ao modelo de professor que estamos formando, se este tem por prerrogativa ser pesquisador ou não, achamos oportuno desmistificar a idéia de que só o professor universitário é possuidor das amplas capacidades para desenvolver as tarefas de pesquisador. Não queremos com isso propor uma uniformização da prática da pesquisa, pois entendemos que esta tem um caráter diversificado, polissêmico que se traduz de acordo com os ambientes e competências que a pesquisa exige. Sendo assim, cada professor pesquisador tem a possibilidade de desenvolver sua prática de pesquisa, mobilizado pelas contingências e necessidades de seu fazer pedagógico e do meio em que atua como profissional da educação, qualquer que seja a sua especialidade. Temos,

todavia, a clareza de que os docentes que atuam no ensino fundamental e médio não dispõem das mesmas condições dos professores universitários para desenvolvimento da prática da pesquisa, embora os últimos, de maneira justa, ainda se ressintam da falta de estrutura e incentivos. Por outro lado, é fundamental que a pesquisa seja, no espaço da escola, uma realidade propositiva de um modelo de educação mais sintonizado com o tempo presente, densamente marcado pela subjetividade dos indivíduos e pela interatividade coletiva.

Neste contexto, no exercício de sua prática docente, torna-se imperioso ao professor ter por base e motivação não apenas à sua vida profissional, mas, também, à sua própria experiência de vida, ancoradouro que é de amplas e fecundas situações sumariamente carregadas de sentidos e valores indispensáveis aos processos educacionais.

Embora seja uma atividade aliada ao ensino, não nos é forçoso compreender o quanto a pesquisa representa enormes desafios para os professores que se acham inseridos na Educação Básica, haja vista estarem, quase sempre, assoberbados por dois períodos de trabalho em salas de aula desconfortáveis, a ampla falta de condições de trabalho e de incentivos por parte das escolas, a baixa remuneração salarial, entre outras tantas dificuldades que, de maneira sucinta, pode ser resumida na desvalorização do magistério. Embora reconheçamos essa crua e árida realidade, não podemos atrelar as tarefas do professor/pesquisador, dentro do consórcio ensino/pesquisa, à melhoria das condições de trabalho e à sua valorização profissional.

No entanto, na contramão de todo esse processo, também não nos é forçoso conceber que há professores, entre àqueles que atuam na Educação Básica, que têm se dedicado para estreitar, cada vez mais, na sua prática docente, as relações entre o ensino e a pesquisa. Partindo, pois, desta constatação, não convém tomarmos as dificuldades como intransponíveis, darmos a elas um caráter absoluto. Para que a relação ensino/pesquisa aconteça de maneira mais propositiva dentro da prática docente, em todos os níveis, se faz necessário que o professor tenha efetivo compromisso com o ensino e a pesquisa e esteja habilitado do ponto de vista teórico-metodológico, pois, do contrário, o mesmo não conseguirá fomentar, dinamizar e tornar realidade a pesquisa como importante, e indispensável, expediente de ensino, este compreendido como demanda de valores voltados para a consciência humana, para aqui buscarmos seu sentido mais profundo. É oportuno esclarecermos que o compromisso do professor com a prática do ensino/pesquisa não resolverá os graves problemas que ainda são inerentes à educação no Brasil. Sendo assim,

longe de nós defendermos tal propósito, colocarmos espinhoso e pesado fardo sobre os ombros de cada professor.

No entanto, queremos ressaltar, mais uma vez, que sendo possuidor de uma adequada formação teórico-metodológica e ético-solidária, desenvolvidas no processo de formação acadêmica e na própria vida, o professor da Educação Básica poderá, com mais autonomia, desenvolver às suas habilidades de pesquisador dentro da sua prática pedagógica, de maneira a não perder de vista o veio, sempre fértil, da reflexão que nutre e irriga o terreno do ensino e da aprendizagem. No curso das questões tomadas como objeto de reflexão e das problemáticas decorrentes da relação dialógica entre alunos e professor, qualquer conhecimento deverá, metodologicamente, passar pelo crivo da dúvida, fazendo com que este, longe de qualquer perspectiva determinista, seja arejado pelos benfazejos ventos do pensamento que procura ler e interpretar, a partir da própria complexidade da problemática estudada, o que se apresenta como realidade pronta e acabada.

Na Educação Básica, em todas as matérias que a compõe, acreditamos ser a pesquisa um importante, e indispensável, mecanismo para tornar o processo ensino-aprendizagem mais dinâmico e atraente para os alunos tão carentes de oportunidades para fazerem sacudir seus neurônios, sua imaginação criativa, de modo a favorecer novas descobertas na mesma intensidade que inventam diferentes maneiras de apresentá-las, contá-las, narrá-las.

Que tem um canto na estrada chamado estaca zero: a pesquisa da história local

Sendo a pesquisa um combustível capaz de atear fogo nos entulhos que paralisam, por assim dizer, a imaginação criativa dos nossos alunos da Educação Básica, sem esquecermos os de nível superior, indagamos: como os professores de História podem, através do expediente da pesquisa, tornar o ensino de História algo atrativo, sedutor da atenção e interação dos alunos?

Ao incorporar a prática da pesquisa ao exercício de suas atividades docentes, os professores de História, de maneira mais propositiva, poderão, na companhia de seus alunos, incursionar por tempos e espaços os mais diversos, fugindo, assim, da previsibilidade do passado, recortado, muitas vezes, pelo tamanho e densidade que a história oficial ou a narrativa dos chamados memorialistas costumam dar ao passado de suas cidades, comunidades, municípios. Em cada incursão, como recurso metodológico, é oportuno

suspeitar das evidências mais imediatas, de tudo que possa representar, por assim dizer, a essência do passado. Em uma atitude de espreita, portanto, adequado se faz interrogar a multiplicidade de significados que se acha impregnados nos chamados documentos históricos ou nas práticas cotidianas de homens e mulheres que, em um complexo jogo de interesses, consumiram e se fizeram consumidos pelos enredos e tramas disseminados no traçado das ruas, nas veredas de roça, em qualquer braça de caminho que se acha povoada por indivíduos alimentados e alimentadores de impulsos, vontades, sentimentos, afetos, razão, imposição, força, poder..., enfim, toda ordem de sentimentos que dão, por assim dizer, materialidade as mais diferentes realidades, cujo passado, por si só, não se faz evidenciado, cartografado, descrito, dado a ver e a ler.

Mas, como os professores de História podem tornar o ensino da disciplina algo atrativo, sedutor da atenção e interação dos alunos? A primeira atitude é, sem dúvida, abolir a ideia, enganosa e enfadonha, de que o conhecimento só se torna efetivo através do acúmulo de informações, para o que, normalmente, o aluno busca utilizar-se de alguma técnica de memorização dos conhecimentos por ele tomado como objeto de “estudo”. Outra importante atitude reside na necessidade de se suprimir a compreensão do passado como algo que se apresenta sempre distante do aluno, da família deste, do grupo social no qual se acha inserido, passado que guarda, com notoriedade e pompa, as histórias das gentes que se fizeram poderosas, dominantes. Fugindo dessa uniformização do passado, é conveniente ao professor buscar refletir sobre as experiências vividas pelos indivíduos nos espaços sociais em que estavam inseridos dentro, e a partir, de determinados processos de sociabilidades nos quais se acham instituídos valores e modelos de conduta social que foram, histórica e culturalmente, sendo constituídos. São esses referentes espaciais, marcados pelas experiências de controle, disciplina e práticas desviantes, que os alunos melhor poderão se perceber sujeitos de um processo histórico, podendo, assim, identificar, no presente vivido, os rastros do passado que não mais se faz tão distante no tempo e no espaço.

Arrebatado por esta perspectiva de leitura e interpretação, o professor de história poderia, por assim dizer, ensinar seus alunos a palmilhar o chão das muitas matérias deixadas pelo tempo, território de incertezas que não nos autoriza propor nenhuma explicação para a história presidida pelo estatuto da verdade. Não obstante encontrar-se, de alguma maneira, preso ao livro didático, o professor poderá, num fôlego de autonomia, inspirado pelos referentes teórico-metodológicos que norteiam sua concepção de história, assumir a

responsabilidade de selecionar, recortar e elaborar os conteúdos históricos que deseja estudar/pesquisar com seus alunos. Seja qual for o conteúdo escolhido, faz-se interessante que a metodologia utilizada possa construir, no chão das incertezas, interpretações que ofereça sentidos para os enredos e tramas do passado, sumariamente carregadas de elementos que representam a conformação das estruturas sociais ou a descontinuidade das regras que lhe dão sustentação por estarem inscritas nas próprias práticas sociais.⁵

Para melhor incursionar pelo passado, na companhia de seus alunos, nenhum outro se mostrará mais atraente, mais auspicioso de curiosidades, que aquele representado pela história local,⁶ através da qual poderão vasculhar os mais diferentes e inusitados enredos de histórias, perscrutando vidas enrugadas pelo tempo, cuja densidade das experiências vividas consorcia sentidos e sentimentos que, seguramente, fogem ao domínio, sempre classificador, da razão.

Conquanto não tenhamos a pretensão de associar a história local à história do entorno, como é comum vermos acontecer, compreendemos que, pelos caminhos da pesquisa, a investigação dos mais variados aspectos da realidade vivenciada pela comunidade, na qual a escola está inserida, aproximará os alunos da matéria História, pois os mesmos deixarão de ser passivos dentro do processo de construção dos fatos estudados e de produção do conhecimento que lhes seja possível sistematizar dentro da relação dialógica com o professor e seus pares. Compreendemos, portanto, que a escola é lugar de produção e sistematização de conhecimentos. As especificidades de cada um dos conhecimentos, o acadêmico e o escolar, no entanto, não impedem e não invalida o diálogo entre eles, como nos chama atenção Vilma de Lurdes Barbosa (2006). Para a referida autora, o conhecimento histórico escolar, seja no nível fundamental ou médio, não pode representar, tão somente, um arranjo do conhecimento produzido no âmbito acadêmico (2006, pp.59, 60).

Neste artigo, não tivemos por objetivo fazer um inventário das temáticas e metodologias com o objetivo de auxiliar o professor de História em suas atividades de prática da pesquisa junto aos alunos do ensino fundamental e médio. Nosso interesse foi, tão somente, apresentar alguns níveis de compreensão acerca dos pressupostos teórico-metodológicos e didático-pedagógicos que possam sensibilizar e provocar a reflexão dos nossos pares que atuam nos níveis que compõe a educação básica. Se considerarmos os professores formados, já no presente século, como sendo mais bem preparados do ponto de

⁵ A respeito das teorias e metodologias da História, ver: ALBUQUERQUE JR., (2007).

⁶ Sobre a relação entre ensino de História e História Local, entre outros autores, sugerimos ver: ARAÚJO (2012); BARBOSA (2006) e FAGUNDES (2006).

vista teórico-metodológico, o mesmo, talvez, não possamos dizer no que se refere a uma base didático-pedagógica. O desafio, portanto, se faz para aqueles que exercem o magistério nas escolas de ensino fundamental e médio, seja qual for a disciplina em que estejam atuando. Para os que ministram a disciplina de História, o desafio é, cada vez mais, tornar o ensino um atrativo para os alunos, de modo a fazer com que estes reconheçam, nos conteúdos estudados, a importância da matéria para a formação ética, cidadã e humana de cada um deles. Para isto, é preciso vencer a apatia com a qual os alunos se apresentam para o estudo da disciplina. Acreditamos que a pesquisa seja, efetivamente, um importante e conseqüente expediente a ser trabalhado com os alunos em sala de aula e, sobretudo, através da chamada pesquisa de campo, na qual poderão explorar variadas formas de expressão do passado.

Para concluirmos estas breves reflexões, gostaríamos de tornar relevante, para todos os professores, independente da área de sua atuação, que, no contexto e condição histórica em que vivemos, necessário se faz a aquisição de habilidades que transcendam os referentes teórico originários da formação docente, de modo a poderem encontrar e, ao mesmo tempo, oferecer sentidos e significados para a matéria e para a própria prática docente através da qual abraçam os conhecimentos base da formação de cada professor. Para esse fim, ensino e pesquisa são faces da mesma moeda na economia da educação.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ARAÚJO, Sandra Regina Pires de. **O que sabem sobre pesquisa professores dos anos iniciais do ensino fundamental?** Dissertação de Mestrado, Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

BARBOSA, Vilma de Lurdes. “Ensino de História Local: redescobrimo sentidos”. In. **SAECULUM** – Revista de História [15]; João Pessoa, jul/ dez. 2006.

FAGUNDES, José Evangelista. **A história local e seu lugar na história: histórias ensinadas em Ceará-Mirim**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, RN, 2006. 194 p.

MORIN, E.; LE MOIGNE, J. L. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

PIVATTO, Pergentino Stefano. “Visão de homem na educação e o problema da humanização”. In: **Educação** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 2 (62), p. 337-363, maio/ago. 2007.